

A infância em face da racionalidade neoliberal: mediação e dessimbolização da linguagem em sociedades complexas

Mateus Lorenzon*, Angelo Vitória Cenci**

Resumo

Neste artigo de caráter bibliográfico discute-se a interface entre a mediação e a infância à luz da racionalidade neoliberal, dando especial ênfase aos processos de empobrecimento da linguagem e dessimbolização do imaginário ocorridos no contexto contemporâneo. Em consonância com Dardot e Laval (2016), entende-se o neoliberalismo como uma racionalidade que transborda os limites do mercado e transversaliza as diferentes instituições, fenômenos e relações sociais. Na primeira seção discorre-se sobre o fenômeno da mediação da infância, buscando identificar de que modo as normas neoliberais fazem-se presentes nesse processo. Na segunda seção, analisa-se a inter-relação existente entre mediação, o empobrecimento da linguagem e as mudanças no imaginário. À guisa de conclusão, aponta-se que as mídias digitais consistem em uma estratégia eficiente de produção da subjetividade neoliberal, na medida que permitem a interiorização de normas de conduta, desenvolvimento de hábitos psíquicos que almejam a satisfação imediata e o apelo ao consumo. Essas mudanças, por sua vez, refletem no empobrecimento do imaginário que, conseqüentemente, torna-se um empecilho na busca de racionalidades alternativas ao neoliberalismo.

Palavras-chave: neoliberalismo; mediação; infância.

Childhood in face of neoliberal rationality: mediatization and desymbolization of language in complex societies

Abstract

This bibliographical article discusses the interface between mediatization and childhood in a neoliberal society, giving special emphasis to the processes of language impoverishment and the desymbolization of the imaginary that occur in the contemporary context. In line with Dardot and Laval (2016), neoliberalism is understood as a rationality that goes beyond the limits of the market and transversalizes the different dimensions of society. In the first section of the study, the phenomenon of early childhood mediatization is discussed, seeking to identify how neoliberal norms are present in this process. In the second section, the existing interrelationship between mediatization and changes in the imaginary is analyzed, as well as how they are related to neoliberal rationality. It is concluded that digital media consist of an efficient strategy for the production of neoliberal subjectivity, as they allow the internalization of norms of conduct, development of psychic habits that aim at immediate satisfaction and the appeal to consumption. These changes, in turn, reflect on the impoverishment of the imaginary which, consequently, becomes an obstacle in the search for alternative rationalities to neoliberalism.

Keywords: neoliberalism; mediatization; childhood.

* Mestre em Ensino pela Univates. Doutorando em Educação pela Universidade de Passo Fundo. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal em Nível Superior (PROSUC/CAPEs II). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9402-5820>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9829699736308568>. E-mail: mateusmlorenzon@gmail.com

** Doutorado em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (2006) e pós-doutorado pela UNICAMP/SP (2012). Mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1997). Professor da Universidade de Passo Fundo (UPF). Coordena o Núcleo de Pesquisas em Filosofia e Educação (NUPEFE-UPF), o Grupo de Estudos em Ética, Democracia e Educação (GEDE-UPF). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0541-2197>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5553067405853480>. E-mail: cenci@upf.br.

La infancia ante la racionalidad neoliberal: mediatización y desimbolización del lenguaje en sociedades complejas

Resumen

En este artículo de carácter bibliográfico se discute la interfaz entre la mediatización y la infancia a la luz de la racionalidad neoliberal, dando especial énfasis a los procesos de empobrecimiento del lenguaje y desimbolización del imaginario ocurridos en el contexto contemporáneo. En consonancia con Dardot y Laval (2016), se entiende el neoliberalismo como una racionalidad que trasciende los límites del mercado y transversaliza las diferentes instituciones, fenómenos y relaciones sociales. En la primera sección se discute el fenómeno de la mediatización de la infancia, buscando identificar de qué manera las normas neoliberales están presentes en este proceso. En la segunda sección, se analiza la interrelación existente entre mediatización, el empobrecimiento del lenguaje y las mutaciones en el imaginario. A modo de conclusión, se señala que los medios digitales consisten en una estrategia eficiente de producción de la subjetividad neoliberal, en la medida en que permiten la interiorización de normas de conducta, el desarrollo de hábitos psíquicos que buscan la satisfacción inmediata y el llamado al consumo. Estos cambios, a su vez, se reflejan en el empobrecimiento del imaginario que, consecuentemente, se convierte en un obstáculo en la búsqueda de racionalidades alternativas al neoliberalismo.

Palabras clave: neoliberalismo; mediatización; infancia.

INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, observa-se uma reviravolta ou ruptura civilizacional decorrente de alterações na condição humana (Dufour, 2005). A crise hodierna transversaliza os diferentes âmbitos da vida em sociedade, não restringindo-se somente às instituições, mas também às relações sociais e na própria subjetividade humana. Vive-se um período de constituição e consolidação da Pós-Modernidade, momento este marcado por uma volátil reconfiguração nas estruturas econômicas, sociais e culturais, bem como pelo fim das metanarrativas e a consolidação progressiva da lógica de mercado como racionalidade (Dufour, 2005).

A racionalidade neoliberal caracteriza-se, sobretudo, por uma crença ilimitada no acúmulo de capital, desejo insaciável no lucro e generalização da competição (Boltanski, Chiapello, 2009; Dardot, Laval, 2016). Casara (2021) identifica ainda, que a racionalidade neoliberal tem uma “pretensão de totalidade” (Idem, p. 170), levando a uma generalização de normas de conduta características da empresa. Assim, observa-se o transbordamento da lógica neoliberal para além dos limites do mercado, havendo um esforço de governo e a mobilização de um conjunto de mecanismos de subjetivação dos indivíduos, fazendo com que eles introjetem as normas características da racionalidade neoliberal.

O capitalismo em sua forma contemporânea (neoliberalismo) é, conforme Boltanski e Chiapello (2009), um sistema absurdo, tendo em vista que requer uma ampla mobilização dos indivíduos sem apresentar uma justificativa legítima. A formação do neosujeito, que se insere na

sociedade neoliberal espontaneamente, não pode ser por meio das estratégias coercitivas das sociedades disciplinares. Han (2018) argumenta que o neoliberalismo inventa novas técnicas de poder que operam em nível psicológico, isto é, um psicopoder. Por sua vez, Dufour (2005) e Casara (2021) pressupõem que, para o neoliberalismo ter se constituído em uma razão-mundo, torna-se necessário mudanças no imaginário e alterações simbólicas no indivíduo.

Diante do exposto, identifica-se que as mudanças ocorridas nos diferentes âmbitos da sociedade almejam a formação de uma nova economia psíquica (Casara, 2018). Tendo em vista que os diferentes fenômenos econômicos, culturais e sociais que compõem o quadro de reconfiguração da sociedade são complexos e estão interrelacionados, neste artigo, dadas as especificidades deste gênero discursivo, focaliza-se a discussão na relação entre a racionalidade neoliberal e a midiaticização da Infância. Busca-se discutir a interface entre a midiaticização e a infância à luz da racionalidade neoliberal, dando especial ênfase aos processos de empobrecimento da linguagem e dessimbolização ocorridos no contexto contemporâneo.

Para a discussão proposta, parte-se do pressuposto que a manutenção e a consolidação do neoliberalismo requerem um neosujeito que tenha introjetado em si as normas neoliberais (Casara, 2021). Esse processo de subjetivação ocorre por meio da mobilização de múltiplas estratégias de aplicação de poder ou, conforme Casara (2021, p. 301), de “[...] um conjunto de elementos, dispositivos, aparelhos, instituições, técnicas e ações economicamente organizadas que fazem com que as figuras do mercado e da empresa se tornem o centro e o modelo de todas as atividades de produção e reprodução da sociedade”. Acrescenta-se ainda que a racionalidade neoliberal é onipresente e totalitária, não permitindo a existência de “lugares vacantes na existência” (Sadin, 2017, s/p).

Em concomitância com essa extensibilidade da lógica de mercado a todas esferas e dimensões da existência, vivencia-se um outro fenômeno social e cultural que Sadin (2018) nomeia de siliciocolonização da vida, isto é, a onipresença de tecnologias que realizam a gestão digital do mundo. Este fenômeno tem provocado posicionamentos divergentes e, por vezes, antagônicos que envolvem desde uma postura pessimista até um otimismo ingênuo. Este artigo busca afastar-se de ambos os pensamentos, reconhecendo a mídia como um vetor importante de socialização de crianças desde a mais tenra idade. Em concomitância, reconhece-se que o uso não é puramente instrumental, mas por ser perpassado pela normatividade neoliberal, tem se constituído como um recurso para a subjetivação do neosujeito.

Mídias digitais e Neoliberalismo: Processos de Socialização e Subjetivação do Neosujeito

Parte-se do pressuposto de que o neoliberalismo é uma racionalidade dominante que transversaliza os diferentes contextos contemporâneos (Dardot, Laval, 2016). Observa-se, contemporaneamente, a existência de novas estratégias de poder, especialmente psicopolíticas, que são mobilizadas para a formação de um neosujeito adequado à sociedade neoliberal. O processo de transformação do neoliberalismo de teoria econômica para uma razão-mundo, não foi um ação intencional ou decorrente de um conciliábulo de grandes detentores de capital. Dardot e Laval (2016), apoiados nas discussões foucaultianas, argumentam que a hegemonia da racionalidade neoliberal decorreu de uma “estratégia sem sujeitos” (Dardot, Laval, 2016, p. 192), na qual há uma conjuntura econômica e política que relacionam-se de modo recíproco, permitindo a constituição desta racionalidade.

A racionalidade neoliberal excede os limites do mercado, passando a agir como “uma espécie de programação para o funcionamento da sociedade [...] [que] leva tanto a um imaginário, a um conjunto de imagens partilhadas, quanto a uma normatividade, um conjunto de mandamentos e condutas” (Casara, 2021, p. 35). As instituições e, também, os indivíduos passam a introjetar e condicionar-se a partir dos valores do mercado (Casara, 2021). Assim, com o espraiamento do neoliberalismo surge um novo “[...] modo de governar pessoas e sociedades, ou mesmo, um modo de ser-no-mundo” (Casara, 2019, p. 47).

O entendimento da existência da correlação entre as mudanças na economia mercantil e as demais dimensões da vida humana também é evidenciada por Dufour (2008). Para o autor, é necessário perceber as interações entre o mercado e “[...] economia política, economia do vivo, a economia simbólica, a economia semiológica e a economia psíquica” (Dufour, 2008, p. 254), mas reconhecendo que elas não ocorrem em relação de causa e efeito. Essas diferentes mudanças “[...] se reforçam, de modo que mutações gerais podem sugerir depois de terem aos poucos propagado” (Idem, *Ibidem*).

A racionalidade neoliberal passa a avançar sobre as instituições jurídicas ou culturais que possam servir de contrapeso ao poder econômico (Laval, 2019). A economia psíquica e a subjetividade não passam incólumes a estas mudanças (Dufour, 2008), pois o neoliberalismo passa a prefigurar “[...] a formação de um novo homem e de novas relações baseadas na competição e na concorrência” (Petry, Cenci, 2019, p. 441). O neosujeito caracteriza-se,

sobretudo por estabelecer uma lógica concorrencial, inclusive consigo mesmo, bem como passa a estar disposto a reduzir todas as suas relações sociais a aspectos mercadológicos (Dufour, 2005; Dardot, Laval, 2016; Han, 2017a, 2021a).

Se, por um lado, a estabilidade, sustentação, a contínua expansão e a coesão social do neoliberalismo requerem um novo sujeito, por outro essa subjetividade ideal não é espontânea ou natural, mas decorrente de um conjunto de estratégias e intervenções a fim de ser formada (Dardot, Laval, 2016; Laval, 2019; Han, 2020; Casara, 2021). Logo, mobiliza-se um conjunto de “[...] máquinas de produção de subjetivismos” (Casara, 2021, p. 301) que permitirão, por meio de um conjunto de técnicas, instituições e estratégias, introjetar nos indivíduos o conjunto de valores da racionalidade neoliberal.

Técnicas de poder e estratégias de subjetivação não são novidades do sistema neoliberal. A inovação do neoliberalismo consistiu em organizar o poder de modo *smart*, isto é, “o sujeito submetido não tem aqui nem sequer consciência de sua submissão” (Han, 2021a, p. 35). Há a maximização da eficiência de aplicação do poder, por este não se valer mais de estratégias repreensivas ou “[...] não se oprime as necessidades, mas se as estimula” (Han, 2021a, p. 43). Diante do exposto, pretende-se analisar de que modo as normas neoliberais, descritas por Casara (2021), estão presentes no processo de midiatização da sociedade. Em síntese, almeja-se identificar de que modo a utilização de mídias digitais por crianças acaba subjetivando-as e permitindo a introjeção dos valores neoliberais.

A utilização de mídias digitais é um fenômeno contemporâneo, não apresentando uma restrição geracional. Azevedo et al (2022), em estudo quantitativo desenvolvido com intuito de analisar o uso de mídias por mães e bebês com idade entre 0 e 36 meses, identificam um uso crescente deste recurso em momentos tais como de descanso, durante as refeições, em momentos de brincar e em passeios. Ainda, conforme o estudo, as mães encontram nos dispositivos digitais um recurso considerado pertinente para manter o comportamento das crianças ou ocupá-las enquanto as progenitoras realizam atividades domésticas.

O uso de mídias digitais por crianças com até 24 meses também foi tema de investigação para Mallmann e Frizo (2019). Em seu estudo, as autoras identificaram que os pais oferecem desde a tenra idade recursos digitais para as crianças como uma estratégia para auxiliá-los em momentos de necessidade. Logo, as mídias manteriam as crianças ocupadas, liberando os familiares para a realização de demais afazeres. Nesta mesma perspectiva, Sobral

(2019), em pesquisa realizada com pais de crianças de 3 a 6 anos, identifica que há uma concepção de inevitabilidade do uso de mídias digitais pelas crianças. .

O processo de siliciocolonização da infância não pode ser dissociado das mudanças na economia mercantil e das reconfigurações das relações empregatícias que os familiares das crianças estão submetidos. Antunes (2005), ao analisar a reconfiguração do mundo do trabalho, identifica, por exemplo, a crescente precarização dos vínculos de emprego, a ampliação da participação feminina e o crescimento do trabalho em domicílio. Identifica-se ainda uma mudança no orçamento familiar, no qual parcelas significativas da renda passam a ser apropriadas pelos detentores do poder econômico (Dowbor, 2017)¹, reduzindo significativamente o acesso à cultura e ao lazer, que, por sua vez, são oferecidas como um serviço a ser pago pelo usuário. Soma-se a isso que os adultos também são neosujeitos dotados de uma subjetividade concorrencial, constantemente ameaçados pelas estatísticas de desemprego que transmitem uma mensagem simbólica a respeito da necessidade de ser produtivo a qualquer custo. Infere-se que esse conjunto de mudanças econômicas e nas relações trabalhistas faz com que a siliciocolonização da infância seja apresentada como uma alternativa legítima aos momentos de lazer.

Diante do exposto, torna-se instigante uma análise criteriosa da correlação entre o uso de mídias digitais por crianças e a formação do sujeito neoliberal. Essa relação é hipotetizada por Han (2021a, p. 43) ao afirmar que “[...] o hipercapitalismo festeja uma hipercomunicação que transpassa por tudo, tornando tudo translúcido e transformando tudo em monetário”. Posição similar é adotada por Sadin (2017, 2018), para quem, atualmente, há a constituição do tecnoliberalismo, isto é, um período em que dispositivos digitais permitiriam a produção contínua de dados sobre o indivíduo e, conseqüentemente, haveria a mercantilização e monetarização da vida.

Frente a isso, torna-se pertinente analisar dados relativos aos modos que crianças com idade entre 0 a 12 anos utilizam mídias digitais. Os estudos citados anteriormente (Mallmann, Frizo, 2019; Sobral, 2019; Almeida, 2021; Almeida et al, 2022) focalizam em crianças de 0 a 6

¹ A fim de evidenciar a complexidade da questão posta, poderia-se analisar, por exemplo, a relação entre a reorganização dos espaços da cidade e a privação do direito ao lazer, bem como o emparedamento da infância e seu fechamento no núcleo familiar em decorrência de mudanças conjunturais.

anos, identificando um uso recreativo e que, gradualmente, desenvolve-se de modo solitário e sem a mediação dos familiares. A pesquisa TICs Kids Online 2021 (Cetic, 2022), por sua vez, identificou que, aproximadamente, 20% das crianças e adolescentes começaram a ter acesso à internet antes de completar 6 anos. Ainda em relação ao estudo, foi identificado que crianças com idade entre 9 e 11 anos, utilizam-se de dispositivos digitais principalmente para jogos online com múltiplos jogadores (66%), jogos individuais (64%), assistir vídeos, séries e filmes (80%), ouvir música (80%) e utilização de redes sociais, havendo um maior destaque para o TikTok (78%).

Supõe-se que a correlação entre a mídiatização da infância e o neoliberalismo opera em duas direções. O primeiro englobaria um apelo constante ao consumo, por meio da oferta de publicidade personalizada, enquanto o segundo refere-se diretamente a interiorização das normas e valores neoliberais. Diante disso, torna-se necessário atentar-se não apenas ao conteúdo que as crianças têm acesso ao utilizar dispositivos tecnológicos, mas, sobretudo, ao modo como os empregam e quais as reverberações nos seus processos de subjetivação.

Se outrora haveria o desenvolvimento de uma publicidade fundada no conhecimento demográfico, as mídias digitais levam ao seu aperfeiçoamento, principalmente, em decorrência do psicometria, o que faz com que haja uma personalização das ofertas de produtos e serviços. Nessa perspectiva, O'Neil (2020) chama atenção que as empresas proprietárias de mecanismos de busca, plataformas de compartilhamento de vídeos e redes sociais, não são prestadoras ou comprometidas com um bem público, mas sim são empresas de publicidade e propaganda que monetizam as informações por elas oferecidas.

Ao utilizar dispositivos digitais, os indivíduos permitem a produção de dados sobre si mesmos. Assim, Han (2021a, p. 44) afirma que o “O Big Data torna possível prognósticos do comportamento humano [o que] torna possível intervir na psique humana e influenciá-la, sem que a pessoa a quem isso foi feito perceba”. A personalização da publicidade e dos produtos que são oferecidos ao usuário das mídias digitais não é resultante do acaso, mas sim fruto de cálculo e aplicação de um conhecimento científico. Não há apenas um apelo ao consumo, mas uma ação planejada para ser “[...] capaz de influenciar nosso comportamento num nível que fica embaixo do limiar da consciência” (HAN, 2020, p. 23).

A pesquisa TICs Kids Online - 2021 (Cetic, 2022) evidencia a eficiência desses mecanismos de publicidade, tendo em vista que 53% dos familiares identificaram que seus

filhos solicitaram que fossem comprados produtos ou serviços que foram encontrados online. Assim, se o “liberalismo é antes de mais nada isto: a liberação das paixões/pulsões” (Dufour, 2008, p. 262), a mediação das crianças permite o direcionamento delas ao consumo.

A liberação das pulsões (Dufour, 2005, 2008) está diretamente associada a processos de subjetivação decorrentes da racionalidade neoliberal. Assim, passa-se a analisar de que modo os dispositivos digitais “passam [...] formatar a subjetividade através de técnicas que buscam definir o que é o interesse de cada um” (Casara, 2021, p. 206). Com base em estudos empíricos, especialmente a pesquisa TICs Kids Online - 2021 (Cetic, 2022) identifica-se que os principais usos que crianças realizam das mídias digitais referem-se ao: a) acesso de materiais audiovisuais em plataformas de compartilhamento de vídeos ou sites e aplicativos de streaming; b) uso de redes sociais, em especial o TikTok. c) gamificação e jogos online. Identifica-se que em cada uma das categorias citadas, podem ser identificadas a presença de uma ou mais normas neoliberais.

As plataformas de compartilhamento de vídeos, tais como o YouTube, e os sites/aplicativos de streaming, como Netflix², Amazon Prime e Disney Plus, podem ser compreendidos como um grande catálogo de material sob demanda que pode ser acessado pelos usuários. Assim, ao buscar uma informação ou um recurso para entreter-se, o sujeito depara-se com um catálogo de possibilidades, cabendo unicamente a ele realizar a escolha daqueles que mais satisfazem os seus interesses imediatos. Não há necessidade de negociação, de argumentação, mas apenas seguir um impulso à satisfação imediata e, muitas vezes, acrítica.

Entende-se que quando, desde a mais tenra idade, a criança tem possibilidade de realizar escolhas orientadas somente pelo seu desejo há a formação de um habitus psíquico voltado para o imediatismo, o que leva a uma percepção de que “[...] o interesse pessoal seja percebido como superior a todos os outros fatores” (Casara, 2021, p. 205). Os interesses pessoais são sobrepostos aos possíveis limites e à negatividade, tornando-se visível uma mudança nos valores da sociedade, pelo qual o egoísmo passa a ser compreendido como uma virtude aceita (Han, 2022c).

² O slogan da Netflix - “See what’s next” - é elucidativo na medida que indica o caráter de infinitude.

A relação entre a economia mercantil e a economia pulsional também é discutida por Dufour (2005, 2008), para quem, na sociedade contemporânea, há uma narrativa da mercadoria, na qual, apresenta-se a cada pulsão um objeto mercadológico correspondente. Contudo, o autor afirma que essa satisfação imediata dada ao desejo serve apenas como uma estratégia de inserção do indivíduo no circuito de consumo (Dufour, 2005).

Entende-se que essa satisfação imediata do desejo pode conduzir o indivíduo a um ciclo de consumo e insatisfação (Melman, 2008). O sujeito subjetivado pela normatividade neoliberal que busca remover a negatividade e não consegue dar sustentação ao desejo (Lebrun, 2008), torna-se incapaz de participar da vida social/política, pois a limitação do desejo é necessária a fim de manter a coesão social e, este processo, conforme Dufour (2008, p. 262) precisa iniciar “desde a formação do indivíduo, caso contrário, depois, é tarde demais”.

De modo similar a valorização excessiva do desejo, potencializada pela facilidade de acesso e a liberdade de escolha, o uso de redes sociais, tais como o Tik Tok evidenciam a constituição de uma sociedade transparente, permitindo a submissão de “[...] âmbitos da vida que até então eram inacessíveis à intervenção comercial a uma exploração comercial (Han, 2020, p. 42). Soma-se a isso, a possibilidade delas constituírem um panóptico aperspectivo, permitindo um “[...] ser iluminado e tornando transparente a partir de todos os lugares, por cada um” (Han, 2017a, p. 106). Além disso, a norma da transparência, conforme Casara (2019, 2021), está diretamente associada ao empobrecimento da linguagem e a simplificação da complexidade.

A nova linguagem digital impede que temas de interesse sejam abordados de modo público e, pela sua curta duração, tornam a reflexão e racionalização algo difícil de ocorrer (Han, 2021). Soma-se a isso, que, conforme exposto anteriormente, nas mídias digitais predomina a norma de busca pela satisfação dos desejos, fazendo com que a “[...] nossa atenção não seja mais dirigida a temas relevantes para a sociedade como um todo” (Han, 2022b, p. 35).

O modo de comunicar-se nas mídias digitais difere-se radicalmente daquele necessário para a discussão de grandes temas políticos e existenciais. Postmann (2001), na obra, propositivamente nomeada “Divertir-se até morrer: O discurso público na era do Show Business” [tradução livre], já alertava esse questionamento ao analisar a democratização do acesso a televisores. Para o autor, as reflexões de caráter filosófico ou necessárias para uma

maior compreensão da realidade exigiriam uma linguagem complexa, tendo em vista que a linguagem simplória excluiria o conteúdo.

Torna-se inevitável o estabelecimento de um paralelo com as condições contemporâneas, nas quais o entretenimento predomina sobre a informação (Han, 2022b). A comunicação digital apela aos afetos ou, conforme Casara (2019, p. 163) “o universo do espetáculo é o da ilusão, da aparência de acontecimento capaz de gerar sensações extraordinárias e hiperbólicas”. Assim, infere-se que o entretenimento deteriora a razão, levando o indivíduo a um processo de atomização e incapacidade de atentar-se às situações complexas. Além disso, os algoritmos, após elaborarem o perfil psicométrico do indivíduo, alimentam as suas percepções de mundo, apresentando o indivíduo a comunidades tribais que ignoram as informações que podem colocar sua identidade em risco (Han, 2022a, 2022c). Inicia-se, desta forma, um processo de fim do homem público e de constituição de sociedades pós-democráticas (Casara, 2019).

Em suma, as redes sociais corroboram para a formação de um indivíduo egoísta, incapaz de participar, democraticamente, dos debates públicos. Por ser acrítico e introjetar a normativa da satisfação pessoal, ele torna-se mais propício aos apelos do consumo e torna-se incapaz de elaborar uma crítica ou alternativas à racionalidade neoliberal. É a naturalização deste processo que leva o indivíduo a não perceber seu estado de subjugação, isto é, “[...] ele sente-se livre. O capitalismo se aperfeiçoa no capitalismo do curtir. Devido a sua permissividade, não precisa temer nenhuma resistência, nenhuma revolução” (Han, 2022c, p. 53). No entanto, esse indivíduo atomizado quer adquirir visibilidade e aceitação social, isto é, busca, por meio de views, likes ou outros mecanismos indicativos de sua valorização social.

Neste processo de exposição, pode-se identificar uma terceira norma neoliberal e, que de certa forma é o cerne do neosujeito: o indivíduo como empreendedor de si mesmo, isto é, a formação de um sujeito capaz de autogovernar-se (Dardot, Laval, 2016; Casara, 2021). O fenômeno de Youtubers, Influencers ou produtores de conteúdo revela essa disposição de mercantilizar a própria imagem, transformando-se em objeto e renunciando à própria dignidade. O neosujeito busca a concorrência, isto é, o “[...] ato ou efeito de relacionado a tentativa de alcançar a primazia sobre algo em detrimento de outras pessoas” (Casara, 2021,

p. 232), nem que para isso seja necessário colocar a própria integridade física ou psicológica em risco, vide os exemplos de desafios promovidos em redes sociais.

Ao objetificar-se, o neosujeito passa a não reconhecer os seus pares em sua alteridade, transformando-se “[...] em um objeto disponível e consumível” (Han, 2022c, p. 97). Com isso, todos são apresentados ao indivíduo “[...] uma empresa perigosa para os interesses do eu. Mesmo em instituições como a família, o outro cada vez mais é identificado como um adversário a ser vencido” (Casara, 2021, p. 233). Com isso, os valores de solidariedade, empatia e senso de comunidade passam a ser irrelevantes.

O valor da competição e do empenho individual também apresenta-se em jogos online, no qual desde a mais tenra idade, as crianças aprendem e interiorizam esses valores centrais da racionalidade neoliberal. Por meio de rankings, premiações e todo um conjunto de elementos característicos da gamificação, os indivíduos são levados “[...] trabalhar a si mesmo com intuito de transformar-se continuamente, aprimorar-se, tornar-se sempre mais eficaz” (Dardot, Laval, 2016, p. 333). A busca pela eficiência e o estímulo à concorrência transversaliza até mesmo as relações do sujeito com as instituições, tornando-se perceptível, por exemplo, na quantidade de propostas digitais e analógicas gamificadas e também na constituição de uma neopedagogia (Laval, 2019).

A partir desta exposição, buscou-se evidenciar que o uso que crianças fazem das mídias digitais corrobora para a constituição de uma subjetividade fundamentada na racionalidade neoliberal. Não há distinção entre o modo de agir virtual e as ações na realidade, isto é, nas interações presenciais. Assim, para Han (2022c, p. 44) “o dedo que digita torna tudo consumível. O dedo indicador que pede mercadorias ou alimentos transfere forçosamente o seu hábito consumista para outras áreas. Tudo o que ele toca se transforma em mercadoria”.

Reconhece-se que a eficiência dos aparatos tecnológicos como estratégias de subjetivação, deve-se a naturalidade com que são concebidos, a extensibilidade com que se distribuem pela sociedade e a capacidade de serem manipulados pelos indivíduos desde a mais tenra idade. Ao abordar a economia libidinal, Dufour (2008, p. 38) apontava que “[...] quanto mais o adestramento ao consumo começa cedo, mais os resultados são garantidos”. Pensa-se que o mesmo pode ser aplicado para a formação da subjetividade neoliberal, tendo em vista que, quando o processo inicia-se na primeira infância há menores riscos de formar indivíduos que interroguem ou questionem a coesão social e o projeto neoliberal.

Observa-se que o desenvolvimento de técnicas de poder sociopolíticas é otimizado pela difusão de dispositivos digitais de comunicação. Sadin (2017, 2018), Han (2018, 2019, 2020, 2022a, 2022b, 2022c) e O'Neil (2020) analisam, sob diferentes perspectivas teóricas, a interrelação entre neoliberalismo e as mídias digitais. Resguardadas as diferenças conceituais entre os autores, há uma convergência ao apontar que as tecnologias digitais, diferentemente de uma visão puramente otimista e instrumental, estão associadas à constituição de um novo modelo de sociedade e de homem. Assim, os novos aparatos de pensamento inauguram uma nova forma de dominação.

A normatividade neoliberal está difusa por todo tecido social e transpassa os diferentes fenômenos culturais, sociais e, também, tecnológicos. A siliciocolonização do mundo (Sadin, 2018) torna-se um campo oportuno para o neoliberalismo, tendo em vista que permite a existência de novos mercados, mas também a otimização de estratégias psicopolíticas de gestão e subjetivação. Na próxima seção do estudo, busca-se aprofundar essa análise, identificando a presença da normatividade neoliberal nas mídias digitais, focalizando, especificamente, nos usos realizados por crianças desde a mais tenra idade.

Diante destas inferências, parecem surgir duas possibilidades. A primeira consistiria em uma aceitação desta infância neoliberal, percebendo-a como um produção social, cultural e histórica. É uma infância para os novos tempos e que precisaria ser adequada a racionalidade neoliberal. Contudo, a literatura contemporânea (Dufour, 2005, 2008; Lebrum, 2008; Melman, 2008; Han, 2017b; Casara, 2019, 2021) têm evidenciado que a emergência do indivíduo perverso ou psicótico, capaz de levar a uma ruína civilizacional. O segundo posicionamento, a qual filia-se neste texto, consiste em prosseguir com uma análise das consequências da formação acrítica de neosujeitos, para então buscar alternativas à racionalidade neoliberal.

Infância, Midiatização e a Dessimbolização da Linguagem: Implicações contemporâneas

Nesta seção do artigo, busca-se analisar as mudanças que os processos de hipermediatização e introjeção das normas neoliberais acarretam na esfera simbólica. Busca-se analisar de que modo ocorrem os processos de dessimbolização da linguagem e, conseqüentemente, o empobrecimento subjetivo das crianças. Os fundamentos teóricos da discussão proposta encontram-se em Dufour (2005, 2008) e Cassara (2019, 2022). Salienta-

se que parte-se do pressuposto de que o homem precisa ser pensado na linguagem, pois ela encontra-se inexoravelmente ligada à formação imaginário (Dufour, 2008; Casara, 2021).

Ao realizar uma análise dos regimes totalitários, em especial o III Reich alemão, Faye (2009) já evidenciava a relação existente entre a manutenção ou consolidação de determinados modos de exercer o poder e a sua relação com a linguagem. O mesmo pode ser observado, por exemplo, no romance distópico 1984 de George Orwell ([1949] 2003). Na obra literária, um dos aspectos centrais consiste na existência do idioma fictício Novilíngua, caracterizado, especialmente, por ser resultado de um esforço dos filólogos em reduzir e condensar a língua. A língua é apresentada por Orwell (2003) não como algo instrumental, mas sim como indispensável para o pensamento. A língua, na distopia orwelliana, é transparente. Não há espaço para metáforas, usos poéticos e devaneios. No entanto, essas características do idioma não são relacionadas a aspectos estéticos, mas sim um esforço deliberado para agir sobre o pensamento. Logo, poderia-se operar um processo de condensação das palavras até o ponto de impedir que os falantes realizassem críticas ou questionamentos ao sistema hegemônico. Subjacente à distopia de Orwell (2003) há um reconhecimento da relação entre a linguagem e as representações (imaginário) que o homem possui acerca do mundo. Contudo, essa relação, como demonstrado, por exemplo, por Faye (2009), não é restrita ao universo ficcional, pois “[...] qualquer mudança na sociedade que pretenda assumir ares de legitimidade exige uma luta pelo imaginário” (Casara, 2019, p. 77).

Conforme exposto anteriormente, o neosujeito introjeta, desde a mais tenra idade, valores e normas da racionalidade neoliberal. Com isso, ele assume como uma postura natural a busca hedonista da satisfação pessoal, o consumo exacerbado e o estabelecimento de relacionamentos orientados pela lógica mercadológica, no qual assume todos como competidores ou objetos. Tendo em vista que há uma ausência de confiança no outro, torna-se necessário que as relações estabelecidas sejam simples e transparentes (Han, 2017a).

A sociedade transparente é uma sociedade marcada pela racionalidade total, em que todos os elementos podem ser mensurados e a eles atribuídos valores monetários. Ela relaciona-se de modo imanente ao sujeito neoliberal, tendo em vista que é, ao mesmo tempo, uma condição para ele atuar, mas também um reflexo da introjeção da racionalidade neoliberal.

Nesse viés, há uma ênfase em valores monetários em detrimento dos valores simbólicos. Para Dufour (2005, p. 13) “os homens não devem mais entrar em acordo com os valores simbólicos transcendentais, simplesmente devem se dobrar ao jogo da circulação infinita e expandida da mercadoria”. Sob esta ótica, as tensões existentes entre a racionalidade neoliberal e as metanarrativas modernas, pode ser compreendido como um esforço para desmantelar qualquer possibilidade de atribuição de valor simbólico. Assim, a racionalidade neoliberal possui um caráter colonialista, a medida que ela esforça-se por deslegitimar qualquer forma de coexistência, buscando reduzir “[...] os valores transcendentais, os valores imensuráveis” (Casara, 2019, p. 53).

No entanto, este processo de dessimbolização não é restrito à esfera econômica ou aos relacionamentos sociais, mas acaba sendo perceptivo no âmbito da linguagem. Traçando um paralelo com o romance distópico de George Orwell, pode-se afirmar que há uma Novilíngua se constituindo sem a necessidade de um esforço deliberado por parte de filólogos. Se a primeira conexão entre a hipermediação da infância e a dessimbolização da linguagem decorre da ação das mídias digitais na internalização das normas neoliberais, a segunda conexão é uma associação direta entre a mediação e a mutação da linguagem.

A mediação da infância manifesta-se, por exemplo, pelo uso excessivo de dispositivos digitais como promotores de entretenimento. A cultura TikTok, os vídeos de curta duração, o apelo aos aspectos afetivos e os memes tornam-se formas de linguagem predominantes na virtualidade. Por suas características, eles tornam-se empecilhos para a reflexão crítica bem como visam ser breves, objetivos e transparentes (Han, 2022b), isto é, preconizam um ideal de simplicidade que “[...] leva ao abandono de palavras e de figuras de linguagem bem como a modificações na articulação entre o significante e o significado” (Casara, 2021, p. 258). Em contrapartida, Dufour (2005) aborda uma perspectiva mais radical dos processos de mediação e construção do simbólico. Ao analisar o uso da televisão em substituição as narrativas discursivas dos familiares aponta que, mais do que dessimbolizar, a presença de dispositivos digitais impediria até mesmo “o acesso a funções simbólicas e [...] uma certa integridade psíquica mínima” (Dufour, 2005, p. 130).

A linguagem empobrecida, na qual “as palavras são marteladas” (Dufour, 2005, p. 181), possibilita a constituição de uma sociedade marcada por um clima de “indigência intelectual”

(Casara, 2021, p. 271). Essa cultura é decorrente de uma relação entre linguagem e imaginário, no qual uma linguagem empobrecida e dessimbolizada leva, inexoravelmente, à “[...] sentidos empobrecidos, estruturalmente violentos, pois se fecham à alteridade, às nuances e à negatividade que é constitutiva do mundo e se faz presente em toda percepção da complexidade” (Casara, 2018, p. 90).

Uma linguagem pobre leva, inevitavelmente, a uma construção de um imaginário simplório e disposto à aceitação da realidade em uma perspectiva determinista (Casara, 2019). Pressupõe-se assim que a midiaticização da infância, além da otimização da produção de uma subjetividade adequada a sociedade neoliberal está diretamente associada à constituição de uma sociedade transparente e uma linguagem dessimbolizada. Com isso, consegue-se agir diretamente na produção do imaginário, fazendo com que os indivíduos aceitem acriticamente o que está posto e os torne incapaz de elaborar críticas ou buscar alternativas à racionalidade hegemônica. Logo, a hipermidiaticização do mundo pode ser compreendida como um mecanismo neoliberal que minimiza qualquer possibilidade de mudanças ou proposição de alternativas.

Uma das características do neoliberalismo é a sua pressuposição de acumulação e consumo ilimitadas (Dardot, Laval, 2016). No entanto, é essa ânsia pelo consumo que pode transformar a racionalidade neoliberal em um sistema autofágico e detentor de uma gênese autodestrutiva que ocasionará a ruína civilizacional. O excesso de produtividade e a constituição do eu-empresa levaram ao esgotamento do indivíduo, a naturalização da violência neural e o surgimento de uma epidemia de doenças decorrentes do excesso de desempenho (Han, 2017b). Soma-se a isso uma intensa volatilidade de valores e a corrosão do caráter (Sennett, 2019), a constituição de sujeitos perversos ou psicóticos (Dardot, Laval, 2016) e a emergência de uma sociedade pós-democrática (Casara, 2018, 2019).

Em apertada síntese, pode-se identificar que a dessimbolização do mundo leva ao fim das interdições simbólicas (Dufour, 2008). Com isso, há uma perda de legitimidade de qualquer sistema normativo, banaliza-se a violência e os valores de justiça e legitimidade passam a ser personalizados, o que “[...] abre caminho à afirmação desproporcional tanto da convicção e de certezas delirantes quanto dos valores força e dureza” (Casara, 2018, p. 92). Assim, o grande risco contemporâneo é que, sob uma perspectiva de crença absoluta no progresso da humanidade e uma postura de neofilia frente ao desenvolvimento tecnológico,

exista gênese da ruptura civilizacional. Assim, diferentemente de uma profecia tecnocrática que anuncia um futuro mais igualitário, democrático e permeado por valores humanos, a humanidade aproxima-se a passos largos da barbárie.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, discutiu-se a interface entre a mediação e a infância à luz da racionalidade neoliberal, dando especial ênfase aos processos de empobrecimento da linguagem e dessimbolização do imaginário. Partiu-se do pressuposto de que a consolidação e manutenção da racionalidade neoliberal como hegemônica está umbilicalmente relacionada à formação do neosujeito, o que mobiliza múltiplas maquinarias de produção de subjetividades. Na sequência, argumentou-se que as tecnologias digitais não estão incólumes a essa extensibilidade da racionalidade neoliberal e buscou-se identificar a presença dessas normas nas mídias digitais.

A partir da identificação da presença dessa normatividade, tornou-se possível perceber que crianças, desde a mais tenra idade, estão submetendo-se a técnicas de introjeção da racionalidade neoliberal. A silicicolonização permitiu a constituição de formas ainda mais eficientes de subjetivação daquelas características da sociedade disciplinar e de controle, pois não demanda de uma instituição e, também, não encontra limitações temporais. Nos momentos de descanso, de lazer, de recreação, nos espaços públicos, mas também nos momentos mais íntimos da vida familiar, a onipresença das mídias digitais faz com que ocorra um contínuo processo de sujeição e introjeção da normatividade e dos sistemas de valores neoliberais.

Observou-se que a mediação da infância opera em um duplo sentido. Inicialmente, ela permite a mercantilização da existência da vida, na medida que, ao utilizar dispositivos digitais, há uma permanente produção de dados e informações algorítmicas do usuário. Por meio da psicometria, torna-se possível identificar perfis de usuários e personalizar ofertas e serviços, operando em nível pré-reflexivo. Assim, há um apelo mais eficiente ao consumo, no qual oferece-se imediatamente produtos adequados à satisfação dos desejos. No entanto, como observou Dufour (2005), essa funcionalização do desejo, resultando do encontro da economia pulsional e da economia de mercado, apenas ampliará a propensão ao consumo.

A existência de uma publicidade, bem como um conjunto de mercadorias, destinadas à infância encontra-se inexoravelmente relacionada à percepção de que a criança passa a ter uma maior participação nas decisões orçamentárias da família (Lebrun, 2008). No entanto, a constituição da “ideologia da criança-rei” (Lebrun, 2008, p. 36), não pode ser dissociada de outros fenômenos contemporâneos que também são transversalizados pela lógica neoliberal, tal como fim das metanarrativas e da conseqüente crise de legitimidade geracional instaurada no seio familiar. Em busca de legitimar sua função e obter o amor filial, os pais costumam atender aos anseios de consumo de seus filhos, nem que para isso necessitem recorrer ao crédito. Assim, o neoliberalismo alimenta-se e lucra da crise que ele mesmo ocasiona. A midiatização da infância, além do apelo ao consumo, também leva à introjeção das normas neoliberais, à medida que a criança, ao utilizar dispositivos digitais constitui um hábito psíquico (Casara, 2021). Diante disso, as mídias digitais operam como um mecanismo eficiente para apresentar e introjetar nas crianças, desde a mais tenra idade, o imaginário neoliberal. Conforme exposto ao longo do texto, a midiatização acarreta um processo de empobrecimento da linguagem e, conseqüentemente, uma mutação no simbólico. Em síntese, essa dessimbolização do mundo impede que o indivíduo tenha uma compreensão complexa da realidade. Este neosujeito, devido a precariedade do seu imaginário, não consegue participar de debates públicos, nem ser partícipe da produção de uma crítica à racionalidade neoliberal.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maíra Lopes. *et al.* Intervenção Educativa sobre uso de mídias digitais na primeira infância. **Rev. SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 23, n. 1, p. 103-116, jun. 2022. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702022000100009&lng=pt&nrm=iso. Acessos em 22 dez. 2022.
- ANDREOLI, Vittorino. **Homo stupidus stupidus**. Milão/Itália: Mondadori Libri S.p.A., 2018.
- ANTUNES, Ricardo. **O caracol e sua concha**. Ensaios sobre a nova morfologia do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2005.
- BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- CASARA, Rubens R. **Contra a miséria neoliberal**. São Paulo: Autonomia Literária, 2021.
- CASARA, Rubens R. **Sociedade sem lei: Pós-democracia, personalidade autoritária, idiotização e barbárie**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: Ensaio sobre a sociedade neoliberal. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DOWBOR, Ladislau. **A era do capital improdutivo**. A nova arquitetura do poder, sob denominação financeira, sequestro da democracia e destruição do planeta. São Paulo: Autonomia Literária, 2017.
- DUFOUR, Dany-Robert. **A arte de reduzir as cabeças**. Sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal. Rio de Janeiro: Companhia Freud, 2008.
- DUFOUR, Dany-Robert. **O Divino mercado**. A revolução cultural liberal. Rio de Janeiro: Companhia Freud, 2005.
- FAYE, Jean-Pierre. **Introdução à Linguagem Totalitária**: teoria e transformação do relato. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- HAN, Byung-Chul. **A expulsão do outro**. Sociedade, percepção e comunicação hoje. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2022a.
- HAN, Byung-Chul. **Capitalismo e impulso de morte**: Ensaios e Entrevistas. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2021.
- HAN, Byung-Chul. **Hiperculturalidade**. Cultura e globalização. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2019.
- HAN, Byung-Chul. **Infocracia**. Digitalização e a crise da democracia. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2022b.
- HAN, Byung-Chul. **Não-coisas**: Reviravoltas do mundo da vida. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2022c.
- HAN, Byung-Chul. **No enxame**: Perspectivas do digital. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2018.
- HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica** - O neoliberalismo e as novas técnicas de poder. 7 ed. Belo Horizonte, MG: Editora yiné, 2020.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017b.
- LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa**: O neoliberalismo em ataque ao ensino público. São Paulo: Boitempo, 2019.
- LEBRUN, Jean-Pierre. **A perversão comum**: Viver juntos sem outro. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 2008.
- MALLMANN, Manoela. Y.; FRIZZO, Giana. B. O uso das novas tecnologias em famílias com bebês.: um mal necessário? **Revista Cocar**. Edição Especial. nº 7. Set/Dez. 2019. p. 26-46.
- MELMAN, Charles. **O homem sem gravidade**. Gozar a qualquer preço. Rio de Janeiro: Companhia Freud, 2008.

NÚCLEO DE INFORMAÇÃO E COORDENAÇÃO DO PONTO BR. **Relatório da Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil**. TIC Kids Online Brasil - 2021.

Disponível em <http://cetic.br/pt/arquivos/kidsonline/2021/criancas>. Acesso 20 de dezembro de 2022.

O'NEIL, Cathy. **Algoritmos de destruição em massa**: Como o Big Data aumenta a desigualdade e ameaça a democracia. Santo André, SP: Rua do Sabão, 2020.

ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

PETRY, Cleriston.; CENCI, Ângelo. V. Comum: por um princípio pedagógico. **Educação Unisinos**. v. 23. n. 3. Jul/Set. 2019. p. 439-454.

POSTMAN, Neil. **Divertirse hasta morir**: El discurso público en la era del show business. 2 ed. Barcelona/Espanha: Ediciones de la Tempestad, 2001.

SADIN, Eric. Entrevista O Tecnoliberalismo lança-se à conquista integral da vida. **Instituto Humanitas Unisinos**. Junho de 2017. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/568991-o-tecnoliberalismo-lanca-se-a-conquista-integral-da-vida-entrevista-com-eric-sadin> Acesso: 19 de dezembro de 2022.

SADIN, Eric. **La siliconizacion del mundo**. La irresistible expansión del liberalismo digital. Buenos Aires/Argentina: Caja Negra, 2018.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. São Paulo: Editora Record, 2019.

SOBRAL, Jacqueline. “Não tem como não dar”: crianças pequenas, tecnologias móveis e estratégias de mediação familiar. **Revista Cocar**. Edição Especial. nº 7. Set/Dez. 2019. p. 153-167.

Recebido em: *Dezembro/2023*.

Aprovado em: *Fevereiro/2024*.